



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES-CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

LINHA DE PESQUISA

Espaço Agrário: reorganização espacial e relações de trabalho

ANTONIO GALDINO

**ESTRUTURA ORGANIZACIONAL ATUAL DO
ASSENTAMENTO BOA VISTA, SAPÉ-PB**

GUARABIRA/PB
2018

ANTONIO GALDINO

**ESTRUTURA ORGANIZACIONAL ATUAL DO ASSENTAMENTO BOA
VISTA, SAPÉ-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de artigo apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues.

GUARABIRA/PB
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G149e Galdino, Antonio.
Estrutura organizacional atual do assentamento Boa Vista,
Sapé-PB [manuscrito] : / Antonio Galdino. - 2018.
46 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues , Departamento de Geografia - CH."

1. Assentamento. 2. INCRA. 3. Reforma Agrária.

21. ed. CDD 333.31

ANTONIO GALDINO

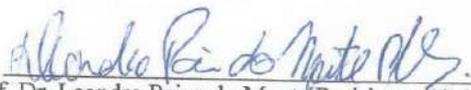
**ESTRUTURA ORGANIZACIONAL ATUAL DO ASSENTAMENTO BOA
VISTA ,SAPÉ-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de artigo apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Geografia.

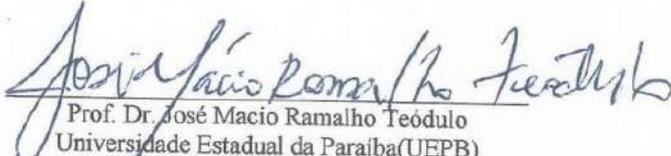
Linha de Pesquisa: Espaço Agrário: reorganização espacial e relações de trabalho.

Aprovado em: 13/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Thiago Leite Brandão de Queiroz
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinador


Prof. Dr. José Macio Ramalho Teóculo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinador

Primeiro agradeço a Deus, pelo dom da vida, por me dar forças para seguir em frente nos momentos mais difíceis dessa caminhada ao longo do curso. Segundo, a minha família, a base de tudo em minha vida.

DEDICO!

AGRADECIMENTOS

A todos os Coordenadores do Departamento de Geografia do Centro de Humanidades da UEPB.

Ao professor Leandro Paiva do Monte Rodrigues pela paciência e leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

A minha mãe Maria das Neves Galdino e meu pai Antônio Felix Pinto, por me incentivar na carreira acadêmica.

Aos agricultores Justino Avelino dos Santos, Jose Adelino Pequeno Neto, Manoel Monteiro de França e demais entrevistados que me receberam gentilmente em suas casas para que pudesse fazer as entrevistas.

Ao meu filho Gustavo Sales Galdino, pela ajuda na pesquisa de campo na retirada das fotos.

Aos professores do Curso de Licenciatura Plena em Geografia do Centro de Humanidades da UEPB, em especial, Prof. Francisco Fábio Dantas da Costa e demais docentes que contribuíram ao longo de quarenta e oito meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas de classe Sonaly Soares, Elielzo Macedo, Vilma, Raquel, Dulcecleia, Jennifer, Jean Alves, Severino Assis, Lindaiane, Helton Helio, Adilson, Irineu, Albertina, Girlene, Eduarda, Williane, Jose Nicodemos, pelos momentos de amizade, discussão, confraternizações de sala, aulas campo e muita alegria nas tardes do CH.

“Uma organização popular deve estar a serviço do povo para atingir os objetivos que este tem como seres humanos (BOGO, 1999, p.24).”

RESUMO

Os assentamentos rurais no estado da Paraíba segue um padrão do INCRA, para que se mantenha uma organização interna. Essa organização requer que os assentados se organizem em forma de associações, os quais os moradores dos assentamentos estão ligados e sejam mantidos de forma contínua com seu padrão para que os agricultores possam ter todos os benefícios aos quais são previsto. O local estudado e o Projeto de Assentamento Boa Vista localizado no município de Sapé-PB situado na Região Imediata de João Pessoa. O assentamento possui 122 famílias cadastradas pelo INCRA e mais os filhos agregados destes assentados que utilizam a terra como principal fonte de renda para manter a família. Este artigo tem como objetivo mostrar a realidade da estrutura organizacional atual do Assentamento Boa Vista. A metodologia deu-se por pesquisa bibliográfica e trabalho de campo. A pesquisa de campo para colher informações foi aplicada 30 questionário com 28 perguntas aberta e fechadas abordaram dados do agricultor, caracterização da unidade produtiva e a organização da produção no lote, onde 25% dos agricultores foram selecionados por meio de sorteio e também teve uma entrevista com três trabalhadores para que eles contassem como foi o processo de luta para a conquista da terra, sendo: 1º agricultor que esteve ligado com a CPT, 2º pelo sindicato dos trabalhadores rurais de Sapé e o 3º morador da própria fazenda. Através desta pesquisa concluímos que a organização atual do Assentamento Boa Vista se encontra desestruturada internamente, pois as lideranças locais não buscam os incentivos de políticas públicas oferecido pelos principais poderes públicos aos qual o PA é subordinado. Entretanto os agricultores independentemente estão fazendo o uso da terra e retirando dela o alimento de suas famílias.

Palavras-Chave: Assentamentos, INCRA, Reforma Agrária.

ABSTRACT

The rural settlements in the state of Paraíba follow an INCRA standard, so that an internal organization is maintained. This organization requires that the settlers organize themselves in the form of associations, which the residents of the settlements are connected to and are continually maintained with their standard so that the farmers can have all the benefits they are foreseen. The site studied and the Boa Vista Settlement Project located in the municipality of Sapé-PB located in the Immediate Region of João Pessoa. The settlement has 122 families registered by INCRA plus the aggregate children of these settlers who use land as the main source of income to support the family. This article aims to show the reality of the current organizational structure of the Boa Vista Settlement. The methodology was based on bibliographical research and field work. Field survey to collect information was applied 30 questionnaire with 28 open and closed questions addressed farmer data, characterization of the production unit and the organization of production in the lot, where 25% of the farmers were selected by lot and also hear an interview with three workers to tell how was the process of struggle for the conquest of the land, being: 1st farmer who was connected with the CPT, 2nd by the rural workers' union of Sapé and the 3rd resident of the farm. Through this research we conclude that the current organization of the Boa Vista Settlement is internally unstructured, since local leaderships do not seek the public policy incentives offered by the main public authorities to which the PA is subordinate. Meanwhile, farmers are independently making land use and taking food from their families.

Keyword: Settlements, INCRA, Agrarian Reform.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotos1	Comercio do centro de Sapé.....	18
Fotos 2/3	Agricultores da fazenda boa vista na caminhada de posse.....	30
Fotos 4/5	Rio e um dos açudes do PA Boa Vista.....	31
Fotos 6/7	Ruínas do bueiro do Engenho Boa Vista.....	31
Fotos 8/9	Igrejas evangélicas na agrovila.....	32
Foto 10/11	Igreja católica e a casa sede do Assentamento.....	32
Foto 12/13	Escola municipal e a caixa d'água que abastece os moradores da agrovila...	33
Foto 14/15	Casas da agrovila e casas da época da fazenda na sede do PA.....	33
Foto 16/17	Casa de farinha desativada.....	34
Foto 18	Campo de futebol.....	34
Foto 19/20	Plantação de cana.....	36
Foto 21/22	Plantação de milho e abacaxi.....	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dinâmica da população urbana e rural de Sapé (1970 -2010).....	18
Tabela 2 – Produção de cana plantada e colhida em sapé de (1990 - 2005).....	24
Tabela 3 – Lavouras plantadas no PA Boa Vista segundo entrevistados.....	36

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – PIB de Sapé em 2015 (X1000).....	17
Gráfico 2 – Área plantada de Cana-de-açúcar (2004 – 2016).....	25
Gráfico 3 – Área plantada de abacaxi em Sapé (2004 – 2016).....	25
Gráfico 4 – As 4 lavouras mais plantadas em Hectares no PA. Boa Vista.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPT	Comissão Pastoral da Terra
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agraria
IBGE	Instituto Brasileiro de geografia e Estatística
MST	Movimento Sem Terra
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PA	Projeto de Assentamento
PROALCOOL	Programa Nacional do Álcool
STRS	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sapé
SNCR	Sistema Nacional de Crédito Rural

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	13
1	O MUNICÍPIO DE SAPÉ ENQUANTO LÓCUS DE ESTUDO.....	16
2	A LUTA PELA TERRA NO BRASIL E NA PARAÍBA	20
2.1	A luta pela terra na Paraíba.....	21
2.2	A luta pela terra em Sapé.....	23
3	ASSENTAMENTO BOA VISTA:PROCESSO DE LUTA E ORGANIZAÇÃO ATUAL.....	28
3.1	Organização produtiva dos assentados do P.A Boa Vista.....	35
	CONSIDERAÇÕES.....	38
	REFERÊNCIAS.....	39
	ANEXOS.....	41

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema a organização do Assentamento Boa Vista, no município de Sapé-PB, que buscou analisar realidade do assentamento e tentar identificar quais os seus principais problemas enfrentados atualmente pelos assentados que residem nesta comunidade rural.

Vale ressaltar que as lutas iniciaram-se no ano de 1996 com a ocupação da Fazenda Boa Vista que, não vinha cumprindo seu papel social e que foi desapropriada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para fins de reforma agrária. Porém desde a fundação essas famílias estão residindo nesta localidade de forma precária, sem o apoio desejado pelos órgãos públicos, que deveria dar todas as condições para que essas famílias se mantenham de forma organizada e que possam desenvolver atividades produtivas, que gerem renda para a manutenção familiar.

Segundo (Moreira, Targino, Ieno Neto 2012). Na Paraíba, a organização dos assentamentos estrutura-se a partir da criação e em torno do desenvolvimento da “Associação dos Pequenos Produtores Rurais”. O funcionamento dessas associações tem comandado, efetivamente, todo o processo associativo nas áreas objeto de reforma agrária.

Segundo (Fernandes 2000, p.46), “Foi no governo militar que promoveu o estatuto da terra para fazer a reforma agrária que não saiu do discurso, a não ser quando os trabalhadores se organizaram e desafiaram a repressão”.

A partir das práticas sociais cotidianas e necessidades efetivas, internalizadas por movimentos sociais que têm consciência, identidade e autonomia, emerge uma nova concepção de direito mais mutável, elástica e plural, que transcende aos direitos estatais, consagrados nos limites da doutrina imperante e da legislação positiva.

Materializa-se, assim, a compreensão não apenas por direitos estáticos, ritualizados e equidistantes dos conflitos sociais, mas direitos “vivos” referentes à qualidade de vida, ou seja, à sobrevivência, à saúde, à moradia, à educação, ao trabalho, à segurança, à dignidade humana etc. Assim, esses novos direitos têm sua eficácia na legitimidade dos múltiplos “sujeitos da juridicidade”, legitimidade assentada nos critérios das necessidades, participação e aceitação.

Observando a função social da terra e considerando o prévio conhecimento sobre o Assentamento Boa Vista, elaboramos as seguintes questões problemáticas: a)

A falta de organização interna dentro do assentamento prejudica os agricultores? b) Existe alguma forma de organização na área estudada? c) a associação comunitária do assentamento Boa Vista, Sapé-PB, trabalha de acordo com as normas do INCRA? d) Os assentados participam das assembleias mensais? e) como os assentados organizam sua produção?

O objetivo deste trabalho é analisar a atual estrutura de organização do assentamento Boa Vista, no município de Sapé-PB, na várzea do Rio Paraíba, e quais os avanços que os assentados, tiveram ao longo do tempo. Enquanto objetivos específicos estão em: i) mostrar as mudanças estruturais desta comunidade rural desde a fundação até os dias atuais; ii) averiguar como a associação dos agricultores deste assentamento se organizam internamente; iii) identificar os principais problemas existente dentro do assentamento

Este trabalho buscou apresentar a realidade em que o Assentamento Boa Vista em Sapé-PB se encontra. Tal estudo se justifica na necessidade de se conhecer a estrutura de organização estrutural e produtiva, para de fato saber quais políticas públicas podem ser implantadas para tentar diminuir o descaso e a desorganização do mesmo, pois os assentamentos precisam de uma estrutura mínima para que aconteça um desenvolvimento de forma ordenada e tendo em vista que muitos destes projetos de assentamentos, várias famílias de agricultores familiares, que vivem da agricultura de produção de alimentos, que é a grande responsável pela geração de renda desses assentados e produção de comida para os brasileiros.

Outro fato, é que os assentados estão vivendo de forma desorganizada sem nenhuma preocupação por parte dos órgãos Públicos, tanto a nível federal, estadual ou municipal, que deveriam está presente nessas localidades, orientando as associações comunitárias de como seguir organizado.

O levantamento dessas informações adquiridas no decorrer da pesquisa tornará possível compreender a real situação que se encontra o processo organizacional atual do Assentamento Boa Vista, Sapé-PB. A escolha do tema surgiu de uma curiosidade sobre como esses assentamentos foram criados, desde seu processo de formação ate agora. E também a partir do interesse em desenvolver um trabalho de conclusão de curso na linha de pesquisa: Geografia Agrária.

A metodologia utilizada na presente pesquisa foi baseada na realização de pesquisa, evidenciada através de estudos bibliográficos como parte integrante da temática discutida e complementada por meio de registros fotográficos.

Além disso, foram realizadas entrevistas com agricultores que moram no assentamento e que estão desde a ocupação inicial junto trazidos pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), que foi a principal organizadora que mediou o processo de ocupação da fazenda segundo agricultor (J.A. S) e também outros que já moravam e trabalhava na fazenda antes da ocupação.

No trabalho de campo foram aplicados 30 questionários para saber quais os tipos de lavoura que os agricultores do PA Boa Vista, Sapé-PB, produzem. Esse questionário serviu para identificar um pouco da produção nos lotes desses camponeses.

Desse modo, se resgatou um pouco da organização do PA Boa Vista, qual sua infraestrutura, como se organiza, qual estrutura da associação local, e também um pouco da história desse assentamento que foi palco de despejo covarde na calada da noite que segundo relato do agricultor, (J.A.S) “depois de dois dias que haviam ocupado a fazenda o arrendatário mandou que capangas da fazenda encapuzados retirassem os trabalhadores do local da ocupação de formas violenta”.

No entanto, os materiais teórico-metodológicos, utilizado na presente pesquisa, tiveram como referência principal: A luta pela terra no Brasil, Paraíba e Sapé, com um enfoque maior nas organizações dos trabalhadores rurais, ligas camponesas, MST de como eles se organizam para ocupar seus espaços na terra.

O presente trabalho se estruturou em introdução seguido de três capítulos e três subcapítulos, considerações, referências e anexos. No primeiro capítulo aborda - O município de Sapé enquanto lócus de estudo. Apresentando um pouco do município enquanto produtora de cana, abacaxi e economia local.

No segundo capítulo, procurou-se discutir um pouco da história da luta pela terra no Brasil e na Paraíba e as desigualdades que essa concentração traz para o campo rural do país onde poucos detêm grandes quantidades de terras. Mostrou também no subcapítulo 2.1 A luta pela terra na Paraíba, falando desde a colonização, engenhos, usinas e conseqüentemente a decadência da cana de açúcar e no subcapítulo 2.2 foi apresentada a luta pela terra em Sapé, enfocando as usinas do auge a decadência, o abacaxi e as lutas das ligas camponesas.

No terceiro capítulo analisa o PA Boa Vista, seu processo histórico contado por alguns agricultores desde a fazenda até sua desapropriação e também sua estrutura atual. Ainda no subcapítulo 3.1 está centrado na produção interna do assentamento, o

que planta, pra onde vende e quais organizações acompanha os trabalhadores. Os outros itens estão as considerações, referencias e anexos.

1- O MUNICÍPIO DE SAPÉ ENQUANTO LÓCUS DE ESTUDO

O município de sapé, está situada na região Intermediaria de João Pessoa, dentro da Região Imediata de João Pessoa, distante aproximadamente 42 km de João Pessoa, a cidade é cortada pelas rodovias estaduais PB-004 ,PB-073 e PB-041 as duas primeiras com acesso a capital, e também a linha férrea que atualmente encontra-se desativada mais que já gerou muita renda pra economia do município na época de auge da cana de açúcar, algodão e abacaxi.

Segundo (Ferreira 2013, p.302) “na década de 50 o município de Sapé apresentou uma atividade agrícola por demais considerável. As safras da cana de açúcar, algodão, mandioca, abacaxi, inhame, feijão, milho e outros cereais foram das melhores”.

Ainda segundo Ferreira (2013) Sapé já foi uma das cidades economicamente mais rica da Paraíba com diversas indústrias como a Usina Santa Helena detentora do latifúndio com grandes fazendas, o engenho Bonito, o engenho Maraú, o engenho Curral de Cima, engenho Melancias, engenho Sapucaia, engenho Santa Maria, engenho Cordeiro, engenho Alagoa Cercada, engenho Conceição, engenho Boa Vista, engenho Miriri ,engenho Rio Seco, engenho Santa Cecilia e engenho Jaguarema.

Ainda, sobre outras atividades econômicas afirma Ferreira (2013, p. 375)

E as nossas pequenas e medias indústrias, no setor de fabricação de redes, doces, sapatos, beneficiamento do algodão, moagem de café, fabricação do açúcar mascavo, aguardente e rapadura que lamentavelmente, desapareceram a muito tempo do nosso meio.

Segundo texto de (Moreira ,1990) a regressão do sistema açucareira nordestina provocada pela crise de acumulação que nele se processou, em decorrência da desorganização do mercado internacional de açúcar, foi responsável por profundas modificações na sua organização.

Segundo a autora esses engenhos eram mantidos pela monocultura da cana de açúcar e explorava a mão de obra escrava para que os mesmo se mantivessem em funcionamento, mas quando esses senhores de engenho passaram a pagar pelos serviços prestados ouve o fechamento de diversos engenhos.

No que se refere à economia de Sapé como nos apresenta os gráficos do senso do IBGE, 2015 a seguir predominante com base nos serviços e na participação do Poder Público com a movimentação de salários dos servidores, agropecuária, indústria e impostos arrecadados pelo município. Na agricultura ainda há produção, de mandioca, feijão, inhame e a batata-doce esses últimos são produzidos em pequenas quantidades. A economia de Sapé pode ser explicado pelo gráfico 1.

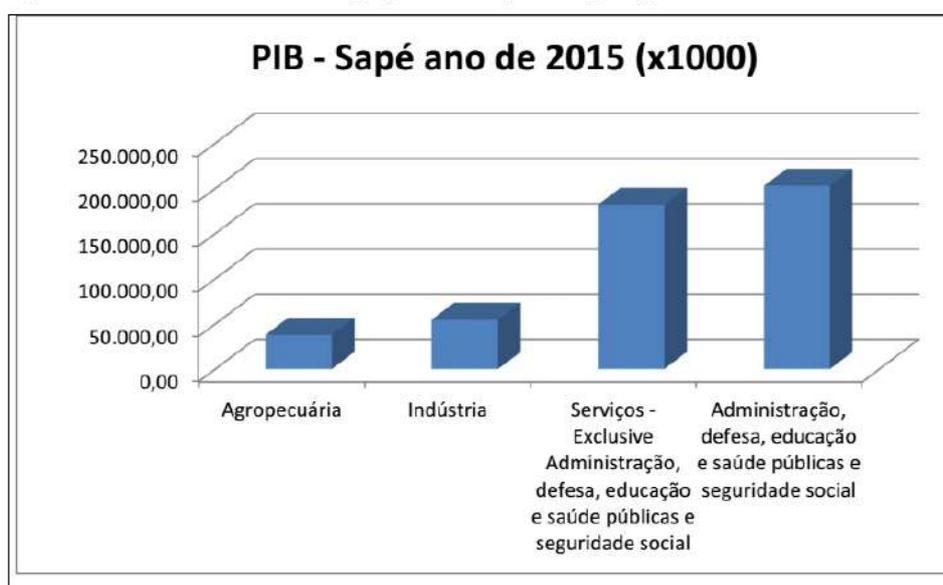


Gráfico 1: PIB de Sapé em 2015 (X1000)
Fonte: IBGE (2018)

Em relação ao comércio, o município avança numa tendência crescente, por ser uma cidade polo para os municípios vizinho como: Mari, Sobrado, Riachão do Poço e outros próximos favoreceu a vinda de grandes lojas de varejo com destaque para, Armazém Paraíba, Magazine Luiza, Atacadão dos Eletros, Emanuele ,Cattan ,Lojas Americanas e Rede todo Dia da multinacional Walmart as figuras a seguir mostra um pouco do comercio do centro de Sapé (fotos 1).

Fotos 1: Comercio do centro do Sapé/PB



Fonte: Antonio Galdino, 2018

O setor industrial e pouco desenvolvido no município as poucas indústrias são: Atacadan, produtora do açúcar Ouro Bom, Arte Bandeiras e uma fabricam de sucos. No setor financeiro, o município dispõe de quatro agências bancárias: Banco do Brasil, Bradesco, Banco do Nordeste e Caixa Econômica; e mais uma casa lotérica, Correios, dois pague Fácil e outros pontos franqueados que atende a sua população diariamente.

Com relação a população o município de Sapé em meados dos anos 70 e 80 era uma cidade predominantemente rural e hoje inverteu como mostra a tabela a seguir na dinâmica populacional de Sapé que tem se alterado intensamente, conforme a tabela 1.

Tabela 1: Dinâmica da população urbana e rural de Sapé (1970 -2010)

População	Urbana	%	Rural	%	Total
1970	15.779	34,80	29.566	65,20	45.345
1980	23.372	45,91	27.534	54,09	50.906
1991	34.231	58,50	24.284	41,50	58.515
2000	35.516	75,00	11.837	25,00	47.353
2010	38.141	76,06	12.002	23,94	50.143

Fonte: Adaptado do IBGE (1970, 1980, 1991, 2000, 2010)

Observando esta tabela pode perceber que a população rural teve uma queda significativa de mais de 17 mil pessoas nos últimos 40 anos, provavelmente com a migração para o sudeste nas décadas de 1980 e 1990 e também com a falência da Usina Santa Helena onde detinha diversas fazendas para a monocultura da cana de açúcar no município de Sapé. Outro ponto a ser observado é o êxodo rural que foi muito crescente, já a população total do município foi muito dinâmica chegando a quase 60 mil pessoas e hoje se encontra nos cinquenta mil habitantes.

Outro fato explicativo para a diminuição da população é apresentado por (Ferreira 2013, p. 373) que “em 1997, com a instalação dos novos municípios de Sobrado e Riachão do Poço, ambos desmembrados de Sapé houve uma queda muito grande na população do município”.

A partir dessa citação podemos entender que durante a década de 1990 se faz necessário observar, que no caso específico do município de Sapé a redução significativa da população rural e urbana se deu pelo processo de criação e emancipação política de dois distritos que eram de grande extensão rural o de Riachão do Poço e Sobrado, ocorridos no ano de 1994 até instalação 1997. Esse fato, além de reduzir a área territorial do município, provocou um descompasso nos aspectos demográficos, dada a nova feição a nova urbana adquirida pelo município a partir dessa intervenção em seu território.

Hoje o município de Sapé é uma das 10 maiores do estado em número de pessoas segundo dados do IBGE, 2017 mostrado na relação a seguir:

Relação dos dez maiores municípios da Paraíba em 2017

Joaõ pessoa	Campina Grande	Santa Rita	Patos	Bayeux	Sousa	Cabedelo	Cajazeiras	Guarabira	Sapé
811.598	410.332	136.851	107.790	97.010	69.554	68.033	62.187	58.881	52.697

2- A LUTA PELA TERRA NO BRASIL E PARAÍBA

O Brasil por ser um país de grandes dimensões territoriais, facilitou que os latifúndios se apropriassem de grande parte das terras, que em muitos casos são ocupadas indevidamente. E toda essa desigualdade na partilha dessas terras fez com que os agricultores que viviam sendo explorados pelos seus patrões resolvessem se revoltar contra essa condição, pois a humilhação e os baixos salários que essas pessoas recebiam eram precários.

Para o homem do campo, a terra representa não apenas a possibilidade de sua sobrevivência, mas também a garantia de poder permanecer com sua família no seu local de origem, livre da sujeição do cambão ou do trabalho alugado. (MOREIRA E TARGINO, 1997, p.295).

Para o autor a luta pela reforma agrária é necessária, pois só assim é que os camponeses irão viver nas terras onde sempre viveram com suas famílias, produzindo seus alimentos numa agricultura familiar sem a perseguição do latifúndio e o trabalho escravo.

Podemos observar que mesmo com as lutas dos movimentos sociais ao longo dos séculos por terra no Brasil e por conter uma grande extensão territorial, milhares de pessoas ainda não têm acesso a esse bem comum que é direito de todos, porém essa negação causa a fome e a miséria extrema a muitas pessoas, por não ter um pedaço de terra no campo, são obrigadas a sair e causando assim o êxodo rural.

De acordo com (Stedile 2005) cerca de 70 mil latifundiários concentram em suas mais 144 milhões de hectares de terras, isto é uma minoria de propriedades que representa apenas 3,5% do total de estabelecimentos rurais e detém mais de 60% da área agrícola no Brasil.

Diante dessas injustiças praticadas pelo latifúndio, foi necessário que criasse organizações que defendem os interesses dessas pessoas que viviam sendo exploradas pelo proprietário das terras onde esses trabalhadores eram funcionários.

Sobre a concentração fundiária no Brasil, (Oliveira 2001, p. 187) coloca que:

A concentração fundiária no Brasil da terra tem algo em comum na história mundial, pois na História jamais houve propriedades privadas com uma dimensão territorial como as encontradas no Brasil. A soma das 27 maiores propriedades privadas no Brasil é igual à superfície do estado de São Paulo,

acoplando a área das 300 maiores propriedades privada equivaleria a duas vezes o território do mesmo estado.

Muito se fala em estrutura fundiária no nosso país, porém nenhuma solução é apresentada para que esse problema seja resolvido e acabe o sofrimento de tantos que vivem na espera da solução desses entraves que os assolam. A Paraíba em relação a questão agrária nacional, reproduz processo semelhante, onde poucas pessoas concentram grande parte das terras produtivas.

2.1. A Luta pela terra na Paraíba

A luta pela terra na Paraíba se desenvolveu com o surgimento das Ligas Camponesas, na década de 1950, em oposição à estrutura agrária que se formou desde o processo de ocupação e dominação da colônia portuguesa com a população nativa que aqui viviam e também pela estruturação do espaço agrário nordestino que crescia através da expansão da cana-de-açúcar e da pecuária, ambas as detentoras de grandes extensões de terra.

Para (Moreira e e Targino 1997) o espaço agrario paraibano não constitui uma realidade homogênea, dada e acabada, mas um produto heterogêneo da ação diversificada do homem sobre a natureza. A submissão do espaço paraibano a dominação colonial foi acompanhada pelo massacre da população nativa.

Para (Bogo ,1999) todas as lutas e mobilizações deveriam entrelaça-se com a sociedade, pois os trabalhadores sem terra entenderam que a derrota do latifúndio no Brasil, não pode ser do interesse apenas dos que querem trabalhar na terra, mas de todos aqueles que querem ver alimento farto em todas as mesas.

O litoral paraibano serviu de ponto estratégico para a plantação de grandes extensões de cana de açúcar e foi mudando a paisagem litorânea isso desde o início da colonização. Para (Moreira e Targino ,1997) é possível identificar três grandes momentos desse processo da cana-de-açúcar no Estado no período em análise: o do domínio dos engenhos; o da efêmera experiência dos engenhos centrais e o de dominação da Usina de Açúcar.

Segundo (Moreira e Targino ,1997) o engenho de açúcar constituía a base econômica e social da colônia. A unidade de produção do sistema açucareiro compreendia tanto a atividade agrícola quanto a atividade industrial. Podemos entender que o cultivo da monocultura da cana de açúcar era o principal gerador de

renda econômica no período colonial no litoral paraibano e os engenhos eram as indústrias que fabricava os produtos derivado da cana.

Para (Moreira e Targino ,1997) a instalação e a expansão das Usinas foram responsáveis por profundas modificações na organização do espaço litorâneo da Paraíba. De um lado, elas representaram um progresso técnico para o setor açucareiro, permitindo mudanças qualitativas no produto final, com a transformação do açúcar mascavo em açúcar centrífugo.

A expansão das usinas, de acordo com (Moreira e Targino, 1997) trouxe significativas mudanças, tanto nas relações de trabalho que houve uma retração na forma tradicional, pois a usina consolida um sistema morador que servia como mão de obra para a lavoura canavieira. Como no processo de mecanização e industrialização do plantio de cana-de-açúcar.

Para (Moreira e Targino,1997) A organização da produção e do trabalho das usinas tiveram cinco pontos seguidos: A) Retração de formas tradicionais de trabalhos B) expansão do assalariamento. C) Surgimento da figura do fornecedor de cana D) Intensificação da sazonalidade do emprego, pela introdução do uso de fertilizante e a máquina. E) Substituição do senhor de engenho pelo usineiro.

Com as frequentes mudanças no sistema de engenhos e posteriormente das usinas houve uma grande adesão às fazendas para criação de gados que não ficou apenas na região litorânea e passou a ocupar o Sertão e outras regiões do estado .Esses criadores que antes eram usineiros e senhores de engenhos passaram a entrar no modelo de economia pecuarista e conseguiram manter o desenvolvimento da cana, gado e outras fontes de rendas como afirma (Moreira; Targino, 1997).

Uma das culturas bastante cultivada foi o algodão que segurou a economia da Paraíba por bastante tempo, pois podiam ser plantados tanto no Agreste ou Sertão ambas as regiões são favorável para o plantio dessa cultura. O algodão merece uma atenção especial pelo importante papel desempenhado historicamente na organização econômica-social das microrregiões Agrestina e sertanejas.

Fatores climáticos relacionados às estiagens prolongadas, além das oscilações dos preços no mercado e do atrasado processo organizacional e tecnológico da produção, são considerado com causa principais do declínio do algodão, sobretudo da variedade arbórea. (MOREIRA; TARGINO, 1997).

No que se refere a distribuição da produção, tem se que o algodão herbáceo vem substituindo gradativamente o arbóreo .Nos anos 70 e início da década de 80 ele

era encontrado desde Sapé e Mari, descendo por Itabaiana, subindo para o Curimataú em direção a Tacima, até os limites com o Seridó e o Cariri.(MOREIRA; TARGINO, 1997).

O processo de modernização da agricultura, levado a efeito na Paraíba a partir de 1970, foi responsável por profundas alterações nas dinâmicas do campo, com o Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) houve uma expansão da atividade canavieira e o fortalecimento de grupos latifundiários, a exemplo da Usina Santa Helena, onde hoje existe o PA Boa Vista, objeto de estudo.

2.2- A luta pela terra em sapé

O espaço agrário de Sapé-PB Região Imediata/Intermediária de João Pessoa e tem uma história relacionada à dominação da atividade canavieira comandada pela mais influente oligarquia rural da região até os anos de 1985, a família Ribeiro Coutinho. Esta família se caracterizava historicamente por uma fortíssima concentração da propriedade da terra e pela disputa do território latifundiário estabelecida principalmente na várzea do Rio Paraíba. (MOREIRA; TARGINO, 1997).

As primeiras usinas paraibanas surgiram no baixo Paraíba, como a Santa Rita (Santa Rita), Usina Bomfim (Sapé), Usina Espírito Santo (Cruz do Espírito Santo), parte dessas usinas foram compradas pela família Ribeiro Coutinho que detinha a oligarquia de grandes extensões de áreas de canaviais.

Tanto como atividade agrícola quanto industrial, o engenho era a base econômica e social da Colônia, o que representava na Paraíba, em 1634, dezoito engenhos que seguiam os rios Camaratuba, Miriri e afluentes do Paraíba, segundo (Barbosa,2014).

De acordo com Barbosa, (2014, p, 78), ¹A mais antiga usina da Paraíba é a Santa Rita, de 1910, que, em 1922, é adquirida pela família Coutinho. Constatase a partir de então um processo de concentração das usinas nesta família, a tal ponto que, de todas localizadas no Estado, apenas a Monte Alegre não pertencia à mesma família. Nos anos de 1960, das cinco usinas no Litoral da Paraíba, apenas uma não pertencia à família Ribeiro Coutinho.

¹ Moreira e Targino ,1997,p.59

O Programa Nacional do Álcool (PROALCOOL) chegou a financiar até 80% do setor industrial com juros de 4% ao ano. Investimento, apoio fiscal, tecnologia e expansão da atividade, somada a condições naturais favoráveis, contribuíram à homogeneização da paisagem rural, a totalizar 38 municípios exclusivos à cultura da cana, ou melhor, a “Zona Canavieira Moderna” da Paraíba (BARBOSA 2014)

Nesta Zona, a produção de cana que era de 1.371.384 toneladas em 1970, alcançou 5.510.425 toneladas em 1985, o que representou um crescimento da ordem de 302,0%; a superfície de cana colhida cresceu 215,0% no mesmo período, de 37.225 hectares, para 117.187 hectares (MOREIRA; TARGINO, 1997).

Com a usina, são alteradas as relações de trabalho principalmente a expulsão de moradores e sua transformação em assalariados da cana; os senhores passam a ser fornecedores de matéria-prima; e sazonalidade do emprego. “O universo da usina se define a partir de conflitos trabalhistas e sobre a terra, o que demarca, mais uma vez, a face violenta do espaço agrário da Paraíba, notadamente na esfera açucareira.” BARBOSA, (2014, p.79).²

Tabela 2: produção de cana plantada e colhida em sapé de 1990 á 2005

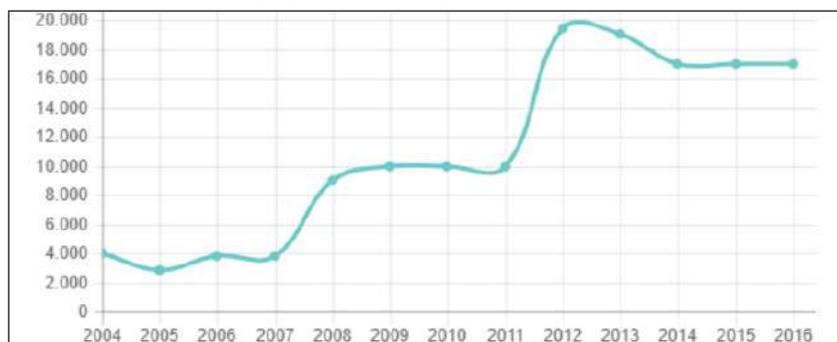
	Área colhida em hectares	Produção em toneladas
1990	8.000	320.000
1995	10.00	500.000
2000	4.500	202.500
2005	28.00	126.000

Fonte: Embrapa, 2018 adaptação própria.

Os anos 90 representaram a crise da economia canavieira com o pedido, por parte dos usineiros, de ajuda do Estado, mais uma vez, como forma de salvar o setor. A falência das usinas Santa Maria e Santa Helena sinalizam a decadência e o endividamento. O município de Sapé sem a Usina Santa Helena a partir de 2004 inicia um processo de aumento da cana-de-açúcar (gráfico 2).

² Moreira e Targino,1997,p.283 explica as condições de vida e trabalho

Gráfico 2: Área plantada de Cana-de-açúcar (2004 – 2016)



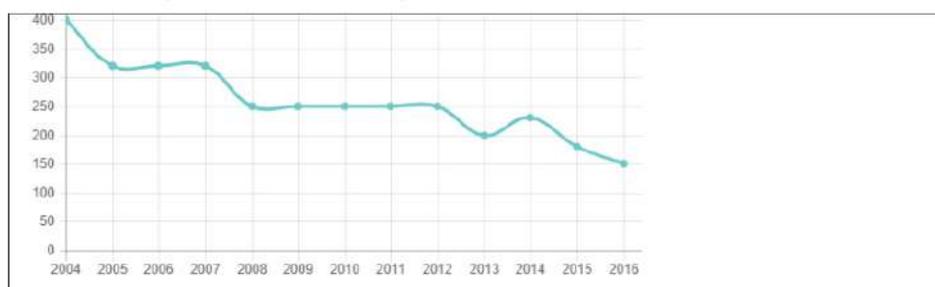
Fonte PAM-IBGE (2018)

O gráfico acima mostra que o sistema canavieiro está crescendo nos últimos anos, mesmo depois de uma recaída com a crise do Proálcool esse setor da economia paraibana vem se mostrando bastante evolutivo de acordo com o último levantamento da Produção Agrícola Municipal de 2016. A maior alta foi no ano de 2012, com 900 mil toneladas do produto, sobre 20.00 hectares. É possível observar que o gráfico 2 mostra que o setor canavieiro antes de 2004 tem uma queda bastante significativa que foi consequência do fim do Proálcool. Outra monocultura que também foi perdendo espaço ao longo dos anos foi o abacaxi.

Presente no Brasil desde o primórdio da colonização, o abacaxi foi introduzido na Paraíba na década de 30. As primeiras áreas de cultivo restringiam-se aos municípios de Mari e Sapé. Sua fase de maior crescimento no estado ocorre na década de 60. (MOREIRA e TARGINO, 1997, p.148).

O abacaxi de Sapé já foi um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento sócio econômico de Sapé, porém hoje está em fraco declínio como mostra o gráfico 3.

Gráfico 3: Área plantada de abacaxi em Sapé (2004 – 2016)



Fonte: PAM – IBGE (2018)

Os movimentos populares rurais, ao constituírem os trabalhadores rurais em reais sujeitos políticos coletivos, com poder de contestação sobre o domínio exercido pelas velhas forças agrárias, minam por dentro um dos pilares do autoritarismo no Brasil STEDILE, (2013.p.351).

As Ligas Camponesas surgiram por volta de 1945. Elas foram uma forma de organização política de camponeses que resistiram à expropriação e a expulsão da terra. Sua origem está associada pela falta de pagamentos em dinheiro. A luta pela terra na cidade de Sapé só veio ganhar repercussão por volta de 1958 com a criação das ligas camponesas que tiveram início em Pernambuco e chegou à Paraíba onde ganhou muitos adeptos filiados, com cerca de 10 mil agricultores que viviam sendo explorados por seus patrões.

Na Paraíba, as Ligas Camponesas surgiram em 1958, e tiveram como seu principal centro de difusão o município de Sapé onde foi criada com o nome de Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé. Todavia, logo em seguida foi batizada de Liga Camponesa pela imprensa. A primeira diretoria da Liga de Sapé foi composta por: Severino Alves Barbosa, presidente; João Pedro Teixeira, vice-presidente; Pedro Fazendeiro, 1º secretário; Severino José da Silva, 2º secretário; Walter Acioly, tesoureiro; João Alfredo Dias (Nego Fubá), orador; e José Gomes da Silva, advogado (SOUZA, 1996).

As ligas camponesas deixaram de ser organizações para se tornarem um movimento camponês que contagiou grandes massas rurais e urbanas, com ampla repercussão nacional e internacional. Esse movimento foi criado com o objetivo de reivindicar assistências medica educação e outros benefícios para aqueles trabalhadores que eram moradores de fazendas e não tinha assistência alguma. (STEDILE, 2002).

Cabe ressaltar que a partir do final dos anos de 1970, houve um maior envolvimento da Igreja Católica nos conflitos do campo, principalmente por meio da Comissão Pastoral da Terra (CPT), em Sapé muitos assentamentos tiveram o auxílio desta pastoral que mediou as ocupações.

Em relação à luta através das ocupações de imóveis foi uma estratégia desenvolvida principalmente pelo Movimento dos Sem Terra (MST), que atua na Paraíba desde 1989, ocupando os imóveis, barracas são levantadas, a terra é preparada e um grande roçado é plantado em mutirão. Surge assim o “acampamento”.

Em outras palavras, o conflito de terra é fruto do choque de interesses entre capital e trabalho representado, de um lado, pela necessidade de subordinação da produção a lei do lucro e, do outro, pelo direito de permanecer na terra, de viver na terra e garantir a sobrevivência da unidade familiar de produção. MOREIRA E TARGINO,(1997, p.296).

Entendemos a falência das usinas e a crise no setor canavieiro fez com que as lutas pela terra fossem necessárias para as ocupações de terra acontecer e assim dar início as ocupações das grandes fazendas que essas usinas detinham e enquanto isso milhares de sem terra viviam nas favelas, essa desigualdade trouxe o trabalhador já expulso dessa terra a voltar a lutar pela permanência e assim criar novos assentamentos.

3-ASSENTAMENTO BOA VISTA: PROCESSO DE LUTA E ORGANIZAÇÃO ATUAL³

O Projeto de Assentamento (PA) Boa Vista, localizado na zona rural de Sapé-PB, as margens da PB-004, a 8 km da sede do município possui 122 famílias cadastradas pelo INCRA. Possui lotes de 6,5 hectares para cada família cadastrada, dentre essas famílias existe ainda os agregados filhos dos agricultores e foi dado para interesse segundo o decreto:

Art. 1º Fica declarado de interesse social, para fins de reforma agrária, nos termos dos arts. 18, letras "a", "b", "c" e "d", e 20, inciso VI, da Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964, e 2º, da Lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993, o imóvel rural denominado "Fazenda Boa Vista", com área de 1.165,0000 ha (um mil, cento e sessenta e cinco hectares), situado no Município de Sapé, objeto do Registro nº R-19-1.812, fls. 24, Livro 2-H, cont. 2-V, do Cartório Único da Comarca de Sapé, Estado da Paraíba.

Segundo (J.A.S,74 anos,2018), ⁴o processo de luta para a formação do Projeto de Assentamento (PA) Boa Vista, se deu em meio as grandes dificuldades que a então Fazenda Boa Vista vinha passando, com a falida Usina Santa Helena, assim foi arrendada para João Henrique Caminho de Souza por um período de sete anos da sua detentora da propriedade .A Usina Santa Helena encerrou suas atividades no início dos anos de 1990, com isso todos os moradores ficaram a disposição desse arrendatário que tinha a livre escolha de ficarem com os moradores que ele quisesse, os que ele não queria pagava uma miséria que mal dava para comprar uma casa na cidade, mesmo assim os que não aceitavam o valor que ele oferecia podia ficar na terra, porém era encurralado, não podia plantar, pois era feita plantação de cana de açúcar que chegava na cozinha dos agricultores e quando não era isso ele mandava fazer cercas de arame para criação de boi búfalos e touros enormes e bravos que servia para intimidar esses trabalhadores que não concordava com os valores pagos para que eles saíssem da terra.Segundo morador desde a época da usina.

Para (M.M. F, 2018), ⁵essa perseguição era constante até o arrendatário da fazenda conseguir retirar-los das casas e as mesmas serem derrubadas para plantar cana. Muitos moradores foram obrigados a sair de suas casas e ter que morar em periferias de Sapé, Santa Rita e João Pessoa, pois não suportaram tamanhas perseguições pelo arrendatário que ficou de posse da fazenda por mais de sete anos

³ Este capítulo foi escrito a partir das entrevistas de campo com os moradores do assentamento.

⁴ Moreira e Targino , 1997, p.122.

⁵ Depoimentos de ex-funcionário da fazenda Boa Vista.

deixando as terras improdutivas, pois no finalzinho do vencimento do período dele as terras estavam servindo apenas para criação de gados e algumas hectares para cana. “O entrevistado relata que teve uma época que precisou morar fora da fazenda, somente pelo fato de não querer trabalhar na mesma e daí o administrador foi até a casa do pai pedir que ele fosse embora”. Houve período que os filhos dos trabalhadores não tinham direito a jogar nem futebol, pois o único campo que havia na fazenda ele mandava colocar carroças, grandes e um material feito de sobras de canas que ocupava todo o campo fazendo, resultando que os jovens e adolescentes não pudessem ter um lazer no fim da tarde ou final de semana.

Para o agricultor (J. A. P. N, 53 anos, 2018)⁶, os trabalhadores que não aceitavam e que conseguiram permanecer sobre pressão na fazenda começaram a se organizar juntamente com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sapé (STRS) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT), que fizeram o cadastro de todos os moradores da fazenda, juntamente com outros trabalhadores de fazendas vizinhas pelo INCRA para que logo em seguida viessem outros trabalhadores de outros municípios para dar andamento na desapropriação do imóvel.

Segundo relata o agricultor (J. A. S, 72 anos, 2018), a ocupação da Fazenda Boa Vista foi feita na madrugada do dia 10/11/1996 para o domingo dia 11/11/1996, com mais de cem trabalhadores, que ficaram acampados na fazenda até o dia 13/11/1996, pois por volta das 22 horas numa emboscada covarde o então arrendatário trouxe capangas e expulsaram todos os trabalhadores que estavam acampados próximos a sede da fazenda, foram crianças, idosos, gestantes, pessoas foram chicoteadas, levaram pauladas, foram pisoteadas por cavalos e muitos ficaram com sequelas como perda de audição que foi o caso de seu chico do pão (*in memoria*) e outros como agentes da CPT que foram puxados por cabelo, todos os trabalhadores tiveram seus barracos, roupas e documentos queimados pelos mau feitores que não tiveram o menor respeito pelas aquelas pessoas que lutavam apenas por um pedaço de chão para trabalhar. Falou também que os trabalhadores que foram expulsos da Fazenda Boa Vista ficaram acampados nas terras da Fazenda Cuité as margens da rodovia PB-004 nas proximidades da localidade chamada Cruz e permaneceram por cerca de quase um mês até receberem o mandato de posse em 06/12/1996 onde houve uma grande caminhada (foto: 2 e 3) até a sede da fazenda de onde foram expulsos e

⁶ Moreira e Targino, 1997, p.279 Os Movimentos Sociais no Campo e as Conquistas da Classe Trabalhadora.

permaneceram acampados até sair os projetos de custeio e construção das casas de tijolos que existe até hoje, depois da construção houve outro financiamento para reforma das mesmas.

Foto 02 e 03: Agricultores da Fazenda Boa Vista na caminhada de posse, em um cartão postal de Final de ano.



Irmã Marlene (CPT) em 2015

Com relação à divisão dos lotes, após ser dado à emissão de posse os trabalhadores construíram um acampamento e foi criada uma comissão para organizar os próximos procedimentos exigidos pelo INCRA, foi então esse grupo que ficou responsável pela divisão, à escolha ficou a critério de cada agricultor, os que vieram de outros municípios escolhia onde iria ficar sua área para trabalhar e já os que eram posseiros da fazenda permaneceriam no local onde eles já moravam tiveram apenas que aumentar as hectare, com os lotes divididos os agricultores foram consultados se queria construir as casas dentro do lote ou na agrovila tudo isso organizado pela comissão que foi criada para da andamento ao processo como explica.

Uma estratégia bastante frequente é a organização de comissões para o encaminhamento de diferentes questões. Esse procedimento permite que as pessoas se agreguem e se organizem independentemente da figura de um dirigente ou de um chefe, pois há o funcionamento de várias comissões ao mesmo tempo. (MOREIRA, TARGINO, IENO NETO, 2012).

A organização do PA Boa Vista se deu desde a ocupação quando mesmo antes de entrar na terra os agricultores fizeram um planejamento, porém essa organização foi no processo de acampamento, o que podemos observar na atual organização é um jogo de interesses pelos principais representantes do assentamento, que não buscam

políticas públicas para fortalecer a estrutura mínima do projeto para os assentados conseguir o mínimo conforme citação.

Segundo artigo (Moreira, Targino , Ieno Neto 2012) na Paraíba, a organização dos assentamentos estrutura-se a partir da criação e em torno do desenvolvimento da “Associação dos Pequenos Produtores Rurais”. O funcionamento dessas associações tem comandado, efetivamente, todo o processo associativo nas áreas objeto de reforma agrária. Se, de um lado, elas têm propiciado a aglutinação e a coordenação dos esforços dos trabalhadores assentados, garantindo uma estrutura mínima para o encaminhamento dos problemas, de outro, têm disseminado algumas práticas que se não forem revistas podem colocar em risco a possibilidade de se destruir instâncias democráticas de autogestão. As fotos a seguir mostra um pouco dos recursos hídricos e as casas da época de quando a fazenda era um engenho.

Foto 4 e 5: Rio e um dos açudes do PA Boa Vista



Fonte: Antonio, 2018.

Foto 6 e 7: ruínas do bueiro do engenho boa vista



Fonte: Antonio, 2018.

O PA Boa Vista é um assentamento rico em recursos hídricos, pois é cortado por um rio (foto: 4) e seis açudes(foto:5).Existe atualmente no tocante a educação uma

escola municipal infantil do fundamental I(foto:12).No aspecto religioso existe duas igrejas evangélicas e uma católica(fotos:8,9,10). Enquanto área de lazer possui dois campos de futebol (foto: 20). A casa sede da antiga fazenda serve para reuniões da associação local (foto: 11). No aspecto comercial, o PA é servido com um mercadinho, cinco bares. E em relação à saúde dos assentados não existe Unidade Básica da Saúde (UBS) dentro do assentamento, mais os mesmo são assistidos pelas UBS Augustos dos Anjos que fica a 6 km na zona urbana e Marauá localizado em um sitio vizinho, ambos fora da localidade.

Foto 8 e 9:Igrejas evangélicas na agrovila.



Fonte: Antonio,2018.

Foto 10 e 11 :igreja católica e casa sede do assentamento



Fonte: Antonio ,2018:

O Assentamento Boa Vista, existe a mais de vinte anos e a sua organização interna deixa a desejar, pois não percebe-se melhorias nas estruturas físicas e organizacional e o presidente da associação se matem a frente a mais de 10 anos. Com

relação à estrutura física podemos perceber que a agrovila⁷ criada no assentamento não existe água encanada nas casas dos moradores, pois os mesmo precisam se deslocar com baldes, botijões até uma caixa d'água (Foto 13), que e ligado ao poço da escola.

Foto 12 e 13: Escola e caixa d'água que abastece a agrovila do PA.



Fonte: Antônio Galdino, 2018.

Foto 14 e 15 : Agrovila do PA. Boa vista, e casas da época da fazenda na cede do PA



Fonte: Antônio Galdino, 2018.

A própria associação do PA não existe uma sede adequada para as reuniões dos agricultores e a que existe está em péssimas condições, não existe sequer uma unidade de saúde para dentro da comunidade para atenderas famílias que reside na localidade. A associação do PA é comandada por dois representantes que se revezam a mais de dez anos, pois os mesmo não aceitam que outro grupo de pessoas chegue ao comando da associação para tentar organizar ninguém quer chegar ao enfrentamento, pois o presidente e muito defendido por alguns que aceita a jeito que ele vem organizando o a associação.

⁷ As agrovilas foram criadas Para aproximar os grupos comunitários e favorecer a aplicação de políticas publicas nos assentamentos rurais, foi amplamente incentivada a inserção de agrovilas na organização espacial dos projetos.

Segundo (M.M.F, 2018).As reuniões mensais acontecem todo dia 12 de cada mês com pouca participação dos associados, e feita uma cobrança mensal no valor de R\$ 5,00 dos associados,” já faz um bom tempo que não participo”. “No início todos participavam das assembleias, hoje não da quase ninguém; quando da para ir eu vou, mais faz um tempinho que participei da reunião”.

Pela pouca participação nas assembleias dos agricultores não são discutidos assuntos importantes e tão pouco novas lideranças são estimulados a participar, pois ninguém quer travar um enfrentamento com o presidente atual. Sobre assunto Moreira, Targino e Ieno Neto (2012) relatam:

A redução do nível de engajamento dos trabalhadores com o coletivo é outra tendência que se observa após o assentamento, isto é, assiste-se ao reforço do traço individualista da cultura camponesa. É freqüente a afirmativa de que após a conquista da terra diminui a união do grupo. Alguns fatores concorrem para isto, podendo-se sublinhar:

Percebemos ainda que as estradas do assentamento encontram-se esburacadas e com difícil acesso a algumas parcelas e a própria sede do PA, outra falta de organização percebida e uma casa de farinha que foi construída no início do PA para que os assentados pudessem produzir suas farinhas das roças plantadas em seus lotes, pois a mesma encontra-se desativada e abandonada preste a cair. Também um dos campos de futebol.

Foto 16 e 17: Casa de farinha desativada.



Foto 18: campo de futebol



Fonte: Antonio, 2018

3.1 -Organização produtiva dos assentados do PA Boa Vista

Os produtos produzidos pelos agricultores são bastante diversificados apesar de alguns optarem pela cultura do abacaxi e da cana de açúcar que é bastante observada . Nos lotes outros preferem cultivar diversas lavouras como veremos a seguir. Em relação ao abacaxi, que esta presente no Brasil desde os primórdios da colonização, o abacaxi foi introduzido na Paraíba na década de 1930, que por sinal Sapé já foi a maior produtora deste fruto, conforme afirma Moreira e Targino (1997).

A expansão da lavoura do abacaxi efetivou se principalmente sobre áreas anteriormente consagradas a produção do fumo, do algodão, da mandioca e de outras lavouras de subsistência.

Foi observado que a plantação de abacaxi (Foto: 22) e bastante presente nos lotes dos agricultores e que alguns tem como fonte econômica principal foi o que no relatou, (M. P.F. P, 2018). “Para mim o abacaxi e o mais importante, pois ele que mim da mais lucro quando vendo, mesmo sabendo que a colheita e demorada”.

Em relação à cana, ainda é uma cultura bastante almejada no meio rural por ser de uma cultura que alavancou a economia do Brasil com financiamentos do governo nos anos 1970, ainda se ver atualmente esse plantio por diversas áreas rural inclusive nos assentamentos.

Conforme Barbosa (2014, p. 55), nos aponta “O canavial, na sua exclusividade, unifica o espaço e atropela tudo. Não deixa existir outra planta além da cana que o compõe. Sua ocupação ao largo submete a paisagem a um só horizonte verde, fixado assim em predomínio que se lança”.

Para o autor a cana requer que o terreno seja preparado apenas para ela e que nenhuma outra lavoura seja inserida dentro de um mesmo plantio, coisa que não vemos em outras lavouras como a roça, milho, feijão que da para ser plantado num mesmo cultivo, vale ressaltar que a produção capitalista e bastante praticada no PA Boa Vista⁸. Nas Fotos (19 e 20) a seguir podemos observar que essa lavoura reque o uso exclusivo do solo como nos afirma o autor.

⁸ Sobre produção capitalista explica OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária. São Paulo: FFLCH, 2007, 184p

Foto 19 e 20: Plantação de cana.



Fonte: Antonio Galdino, 2018:

Existem assentados que cultivam roça, feijão, hortaliças, inhame, batata. Também alguns desses trabalhadores participam de feiras agroecológicas em João Pessoa e Sapé. Já a cana-de-açúcar plantada é vendida para as principais usinas existentes na região para produção de álcool e açúcar. O abacaxi é levado para ser vendidos em outros estados e também cidades aqui da Paraíba. Na Tabela 3 é apresentado um percentual do que os agricultores entrevistados plantam no PA.

Tabela 3: de lavouras cultivadas no PA Boa Vista

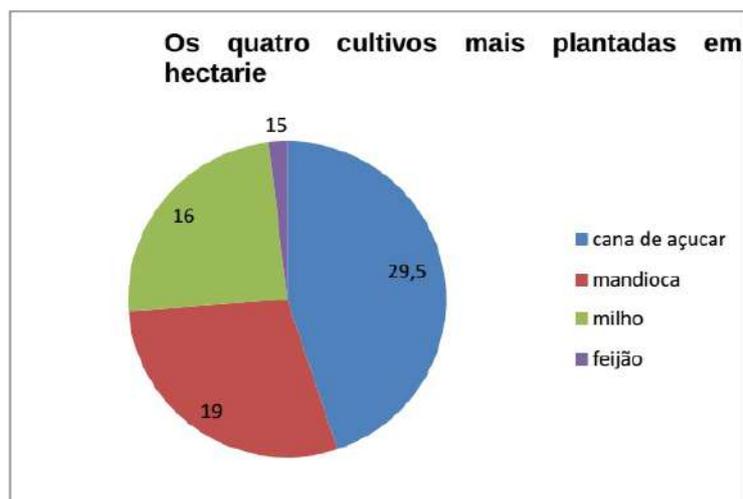
Lavouras	% de Agricultores que plantam	Hectare total utilizado
Abacaxi	40%	10
Cana	36,6%	29.5
Inhame	30%	9
Feijão	90%	15
Milho	96%	16
Mandioca	56,6%	19
Macaxeira	60%	14
Hortaliças	6,6%	0.5
Batata	16,6%	3
Outros	53,3%	4.5

Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Essa tabela nos mostra quais as culturas que os assentados do PA Boa Vista cultivam atualmente, podemos observar que a cana está muito presente nos lotes chegando a quase 30 hectares do total de lotes visitados, para alguns agricultores a cana dá para trabalhar menos e com a produção arrecadar um valor significativo bom, já

as demais lavouras podemos observar em menos quantidade, apenas para consumo e alimentação da família. Já no gráfico a seguir foi mostrada as quatro lavouras mais plantadas pelos agricultores no PA Boa Vista, com destaque para a cana de açúcar que é vista em grande quantidade nos lotes. Em seguida podemos observar também a mandioca, seguido do milho e feijão.

Gráfico 4: as quatro lavouras mais plantadas em Hectares no PA. Boa Vista.



Fonte: Antônio Galdino, 2018.

A foto a seguir mostra um pouco da cultura no PA Boa Vista de um lado a plantação de milho, roça e feijão já do outro a cultura única do abacaxi em umas das parcelas visitadas na pesquisa de campo. A foto onde este plantado o abacaxi foi onde armaram o primeiro acampamento que na época era uma cerca da fazenda e hoje observamos abacaxi e mais a frente um a grande extensão de cana.

Foto 21 e 22: Plantação de milho e abacaxi.



Fonte: Antonio Galdino, 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado sobre estrutura organizacional atual do assentamento Boa Vista, Sapé-PB, apresenta alguns problemas que podem ser resolvidos com pequenas ações das representações locais que esta a frente da organização do assentamento, pois durante a pesquisa percebemos pequenas falta de estruturas que podem ser resolvidos de maneira bastante fácil a exemplo das estradas que se encontra em péssimas condições. Caso existisse uma Reforma Agraria no Brasil esses problemas não existiriam, o que encontramos no PA Boa Vista e apenas uma estrutura insuficiente que não supre os anseios daqueles agricultores que desejam viver na terra, plantando e fazendo com que aja uma agricultura familiar camponesa.

Uma politica de coletividade da associação do assentamento junto com os agricultores resolvia a estrutura da casa sede que se encontra abandonada, a casa de farinha que foi construída desde a fundação do PA e que esta caindo por falta de manutenção. Foi percebido que o assentamento desde a sua fundação recebeu poucos benefícios infraestruturais e os poucos que tem deixam a desejar talvez por influencia da politica local que não e acionado pelos seus representantes.

A partir dessa realidade entende-se porque a organização interna do assentamento Boa Vista e tão precária a muitos anos, mais esse motivo não podem fazer com que os moradores do PA fiquem desassistido pelas entidades representativas. O local estudado foi conquistado pelos trabalhadores com muita luta e desafios, tendo como rival principal o latifundiário que toma conta desse país, derramando muito sangue e deixando feridas que nunca mais sara. O assentamento Boa Vista é um dos milhares nesse Brasil que foram criado apenas para cumprir as ordens da justiça, mais que onde a realidade beira o abandono e a estrutura mínima não e cumprida.

Foram também observado que alguns agricultores tem o desejo para trabalhar no seu lote mais que por falta de incentivo acaba que plantando o mínimo de hectares, um dos motivos e a falta de agua dentro dos lotes para poder fazer irrigações e assim poder plantar em qualquer estação do ano.

E assim, se conclui que a organização do PA Boa vista tenta seguir um roteiro estabelecido pelo INCRA, com muita dificuldade e a força de vontade dos assentados de permanecer na terra onde enfrentaram pistoleiros, capangas numa luta que muitos foram tombados e derramaram seu sangue.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jose Luciano, Albino. **Engenho de cana-de-açúcar na Paraíba: por uma sociologia da cachaça** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

BOGO, Ademar. **Lições da luta pela terra**. Salvador: Memorial das Letras, 1999.

CUENCA, Manuel Alberto Gutiérrez, **Evolução da Atividade Canavieira nos Principais Municípios Produtores do Estado da Paraíba**; 1990, 1995, 2000 e 2005 / Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca, Diego Costa Mandarin. Aracaju: Embrapa Tabuleiros, Costeiros, 2007. Disponível em http://www.cpatc.embrapa.br/publicacoes_2007/doc-114.pdf <acesso em 07/06/2018>

CENTRO de Documentação e Disseminação da Informação- CDDI/Coordenação de Projetos Especiais-COPES. disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/regioes_geograficas/

FERNANDES, Bernades Mançano, **Brasil 500 anos de luta pela terra**, 2001, revista de cultura vozes, disponível em <http://www.incra.gov.br/servicos/publicacoes/outras-publicacoes/file/762-brasil-500-anos-de-luta-pela-terra> <Acesso em 26/05/2018>

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A formação do MST no Brasil**. Petropolis, RJ; Vozes, 2000

FERREIRA, Juraci Marques. **O processo histórico de sapé (1757-2012)**. João Pessoa: ideia, 2013. 433p.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/sape/pesquisa/38/47001?ano=2015&indicador=47009&tipo=grafico> <acesso em 20/05/2018>

MOREIRA, Emília , Targino Ivan ,Ieno Neto Genaro, **organização interna dos assentamentos rurais na paraíba: caminhos e armadilhas das formas associativas**, revista Nera, 201, disponível em <http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1483/1459> < Acesso em 19/05/2018>

MOREIRA, Emília, **evolução do processo de ocupação do espaço paraibano**, 1990, disponível em http://www.ndihr.ufpb.br/programa/processo_de_ocupacao.html <em 20/05/2018>

MOREIRA, Emília; TARGINO, Ivan. **Capítulos de Geografia Agrária da Paraíba**. João Pessoa: Universitária, 1997.

MOREIRA, Emília; TARGINO, Ivan; IENO NETO, Genato: **Organização interna dos assentamentos rurais na Paraíba: caminhos e armadilhas das formas associativas**. *Revista Nera*, Presidente Prudente, n. 3. 2012.

OLIVEIRA, A. U. de. **A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e reforma agrária**. *Estudos Avançados*, n. 15, 2001.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A geografia das lutas no campo**. São Paulo: Contexto, 1994.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007, p.184

Presidência da República Casa Civil ,Subchefia para Assuntos Jurídicos ,disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/dnn/antecedentes/2000/1996/dnn4597.htm <em 19/05/2018>

SOUZA, Francisco de Assis lemos de. **Nordeste: o Vietnã que não houve Ligas camponesas e o golpe de 64**. João Pessoa/Londrina: UFPB/UEL, 1996, 375 p.

STEDILE, João Pedro (org).**Historia e Natureza das ligas camponesas/** São Paulo :expressão popular ,2002.192p.

STEDILLE, João Pedro (org). **A questão agrária no Brasil: O debate tradicional-1500- 1960**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

STEDILLE, João Pedro (org.). **A questão Agraria no Brasil: O debate na década de 1990** 1º ed. São Paulo: expressão popular, 2013.388p.

SOARES, Jorge Luís Nascimento, **a organização territorial de assentamentos rurais para atender a legislação ambiental na Amazônia**, revista de geografia agrária,v.3,n.6,p.143-155,ago.2008,Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/viewFile/11886/6951><acesso em 18/05/2018>

ANEXOS

Anexo 1: Questionário utilizado na pesquisa de campo



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA
Entrevista com assentados do PA Boa vista – Sapé/PB

I – DADOS DO ENTREVISTADO

1. Nome do agricultor:

2. Em que ano nasceu ou quantos anos tem? _____

3. Onde nasceu: _____

4. Já morava na propriedade antes do Assentamento? : Sim Não

5. Se não, onde morava (município zona rural ou urbana) antes de vir morar aqui em que trabalhava? _____

6. Se trabalhava na agricultura, trabalhava em que condição? (parceiro (pagava o aluguel da terra com uma parte da produção), arrendatário (pagava o aluguel da terra em dinheiro ou com seu trabalho), assalariado, pequeno proprietário, posseiro, agregado, outro) _____

7. No caso do arrendatário ou pequeno rendeiro pagar a renda com trabalho, como era feito esse acordo com o proprietário? _____

8. O Senhor (a) Estudou: Sim Não

8.1 Se sim, até que série: _____

9. Quantas pessoas moram em sua propriedade:

II - CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE PRODUTIVA

1. Quantos hectares tem o lote?

2. Como é o tipo de solo do lote? _____ (ver se é bom ou ruim para a agricultura e _____ porque)

3. Tem área sem solo só com rocha exposta: Sim Não

4. Como é a topografia do lote: toda plana ondulada tem área de baixio área

de várzea cortada por riacho ou rio?

Outro _____

—

5. Ordenamento territorial da unidade produtiva: levantar as benfeitorias existentes:

cocheira galinheiro

barreiro barragem subterrânea depósito pocilga cerca silo curral

açude eletricidade

poço cisterna cacimba Outros:

6. Existe alguma parte da terra que não pode ser aproveitada? Sim Não

6.1 Se sim, porque não pode ser aproveitada?

10. O que a terra significa para o entrevistado?

IV – A ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO (no lote)

1. Quantos hectares da terra do lote são destinados ao cultivo de lavouras: _____

2. Hectares destinados à criação: _____

3. Quais as lavouras que cultiva:

4. Qual a mais importante: _____ 4.1 Por quê? _____

6. Em qual período do ano o(a) sr.(a) prepara a terra para o plantio?

7. Quantos hectares plantou com lavoura este ano?

8. Quantos hectares plantou com cada tipo de lavoura: _____

9. Quanto colheu de cada lavoura:

10. Qual o destino da produção: toda para o consumo parte para o consumo e parte para venda

toda para a venda

11 – Onde é o principal local de venda (verificar se tem atravessador):